

**Capítulo 2 - DOI:10.55232/10830012.2**

**TRANSTORNO SENSÓRIO MOTOR: O OLHAR DE UMA  
MÃE EDUCADORA**

**Monalisa Rodrigues Pereira e Veronice Camargo da Silva**

**RESUMO:** Este texto é processo do trabalho de conclusão da especialização em Serviço em Atendimento Educacional Especializado, contendo apontamentos sobre dificuldade motora na primeira infância com base em experiências maternas a partir de um viés científico; tais percepções são oriundas de teorias no que tangem à motricidade, situações sensoriais, inteligências e o cotidiano de tarefas mãe-filha. O cerne deste trabalho é, dessarte, reflexionar sobre a dificuldade motora na primeira infância com base em experiências pessoais maternas fundamentando-se em evidências científicas.

**Palavras-chave:** Transtorno sensorio motor, maternidade, desenvolvimento infantil

## **INTRODUÇÃO**

É sabido, de acordo com a literatura, que dificuldades motoras são observadas, comumente, primeiramente pelas famílias das crianças. O cuidador ou a cuidadora, na rotina com a criança e dentre as várias tarefas, percebe que há habilidades, de acordo com marcos de desenvolvimento; que a criança ainda não manifesta; em alguns casos, ao procurar auxílio de profissionais da educação ou saúde, o “atraso” no desenvolvimento da motricidade, pode-se chegar a conclusão precipitada de alguma deficiência ou dificuldade de aprendizagem, descartando o que chama-se, atualmente, de Transtorno Sensório Motor ou, em alguns trabalhos científicos, Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação isoladamente.

Situações de dificuldade para brincar ou realizar comandos simples, lentidão ou cuidado excessivos, desequilíbrio, recusa de novos alimentos ou medo de certas texturas carece de estudo especializado, uma vez que a infância pode não ser vivida plenamente. A abordagem de Piaget (1970) leva a refletir sobre os saberes que construímos em cada uma das fases do desenvolvimento, colaborando para o levantamento de hipóteses no que diz respeito às dificuldades que a criança pode vir a apresentar. Por entender que o conhecimento se dá por meio de experiências e, a partir delas, atribui-se significados às aprendizagens, intenta-se neste trabalho reflexionar sobre a dificuldade motora na primeira infância com base em experiências pessoais maternas fundamentando-se em evidências científicas. Este estudo busca, ainda, trazer algumas percepções acerca do desempenho motor de uma criança no estágio sensório-motor (PIAGET, 1973). Assume-se, nesta “missão”, além de mãe, o papel de colaboradora, pois

O primeiro receio (e para alguns, a esperança) de que se anule o papel do mestre, em tais experiências, e que, visando ao pleno êxito das massas, seja necessário deixar os alunos totalmente livres para trabalhar ou brincar segundo melhor lhes aprouver. Mas é evidente que o educador continua indispensável, a título de animador, para criar as situações e armar os dispositivos iniciais capazes de suscitar problemas úteis à criança, e para organizar, em seguida, contra exemplos que levem à reflexão e obriguem ao controle das situações demasiado apressadas: o que se deseja é que o professor deixe de ser um conferencista e que estimule a pesquisa e o esforço, ao invés de se contentar com a transmissão de soluções já prontas (PIAGET, 1973, p. 18).

Sabendo que o transtorno em questão se manifesta de diferentes formas e em variadas idades, é necessário que haja um olhar especial para esta condição, pois há a hipótese de haver desinteresse pelas atividades do dia a dia, constrangimento em

ambientes com mais crianças e, não raro, diagnóstico equivocado. A perspectiva materna mostra-se importante partindo do princípio que as suposições acerca de obstáculos enfrentados pelos filhos frequentemente é apontada em casa antes da escola. Para tanto, propõe-se o estudo dos estádio sensório motor (proposto por Piaget), que corrobora o que chama-se, no senso comum, de “sexto sentido materno”: através de informação pertinente, busca-se auxiliar outras famílias e educadoras na busca pela superação da dificuldade motora das crianças.

## **METODOLOGIA**

Na proposta, por ter-se o foco no Transtorno Sensório Motor, utilizou-se enquanto instrumento de pesquisa a coleta de dados e a leitura de disposições sobre a dificuldade pré-estabelecida, tendo como principal motivação para investigação a filha da autora.

Nos diz Bortoni-Ricardo que

[...] a coleta de dados não deve ser apenas um processo intuitivo, que consistiria simplesmente em fazer observações em determinado ambiente e tomar notas. Ela deve ser um processo deliberado, no qual o pesquisador tem de estar consciente das molduras de interpretação daqueles a quem observa e de suas próprias molduras de interpretação, que são culturalmente incorporadas e que ele traz consigo para o local da pesquisa. (BORTONI-RICARDO, 2008, p.58)

Isto posto, delineou-se a pesquisa a partir de textos que trouxessem significado na dinâmica educadora-mãe, uma vez que, segundo Minayo (1995) a escrita a partir de experiências pessoais traz à tona “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”.

Em um primeiro momento, fez-se uma busca na *Scientific Electronic Library Online (SciELO)* com a designação da dificuldade selecionada para a escrita. Foram usadas as palavras chave “transtorno sensório motor”, resultando em 1 (um) trabalho de 2008 na área da saúde; após, usou-se as palavras chave “transtorno do desenvolvimento da coordenação”, chegando em setenta e três (73) artigos, em maioria também da área da saúde e publicados entre 2015 e 2021, sendo no ano passado 14 (quatorze) destes, provavelmente devido aos prejuízos da pandemia da Covid-19, de acordo com os resumos lidos.

Com os trabalhos referência em mãos, traçou-se a estratégia de busca, que consistiu em, após ler cada resumo, delimitar critérios para a elaboração de um artigo de

conclusão de curso. Estes critérios foram (1º) trabalhar com textos da área da educação, (2º) selecionar apenas os artigos com viés qualitativo, (3º) refletir acerca de um diagnóstico cuja hipótese foi levantada fora do ambiente escolar.

Assim, chegou-se ao presente artigo, que discorre a respeito de evidências e sugestões a partir da vivência de uma família cuja criança chegou à profissionais de saúde com o prognóstico de Transtorno Sensório Motor, sendo esta conjectura confirmada. Debruçando-se sob o estudo da motricidade e do funcionamento dos sentidos, decidiu-se por esta nomenclatura e não por Transtorno do Desenvolvimento da Coordenação por tratar-se de uma condição global, observada em situações como o alimentar-se, aprender a andar, brincar, etc.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Quando cogitada fora dos espaços de educação e saúde, o caminho até o diagnóstico de uma criança pequena é repleto de palpites e incertezas. Quando a criança não atinge habilidades de determinada fase ou evita determinados afazeres, surge o receio de atribuir àquele ser ainda tão pequeno uma condição que pode não ser, necessariamente, uma dificuldade a qual deve ser encaminhada para intervenção, mas sim um traço individual daquela pessoa em formação.

O percurso em busca de explicações ou conceitos que amenizem ou solucionem as questões colocadas iniciou-se ainda no estágio sensório-motor (PIAGET, 1973), recebendo um parecer mais conclusivo próximo do estágio pré-operatório. Trabalha-se aqui com a teoria, em Piaget, sobre como adaptamo-nos ao ambiente, aprendemos e nos desenvolvemos. Analisando conquistas cognitivas, percebe-se que a vida de uma pessoa é um conglomerado de estruturas mentais que se transformam até seu último dia, aperfeiçoando-se a partir de trocas com o ambiente. Os processos de adaptação, assimilação e acomodação são parte de uma dialética que toma o sentido das experiências oportunizadas. É imprescindível dizer que o ser humano é capaz, por si só, de aprender, sendo a sociedade uma mediadora deste processo. Ainda em Piaget (1983)

Também a formação humana dos indivíduos é prejudicada quando verdades, que poderiam descobrir sozinhos, lhes são impostas de fora, mesmo que sejam evidentes ou matemáticas: nós os privamos então de um método de pesquisa que lhes teria sido bem mais útil para a vida que o conhecimento corresponde (PIAGET, 1983, p. 166).

Baseando-se em elementos externos (situações, objetos, brincadeiras, comandos, etc.) a criança do estágio sensório-motor entra em conflitos, que a levam a processos que visam o equilíbrio do seu sistema cognitivo. Todos os seus sentidos estão compreendidos nesta dinâmica, a qual estrutura seus saberes.

O potencial de reorganizar-se, porém, pode ser prejudicado por diversas variáveis, como estímulos, ambiente, condição genética, etc.; este é o ponto central deste trabalho, ou seja, notando-se a dificuldade da criança em realizar certas atividades, explorou-se uma série de conceitos até chegar em questões que, finalmente, levariam ao trabalho com uma criança com dificuldade motora. A partir de dispêndios nos primeiros dias de aleitamento materno, na introdução alimentar, nos primeiros passos sem apoio, nas brincadeiras e, mais adiante, em situações de convívio social, realizou-se a escrita de um trabalho que, mais do que um artigo de conclusão, é um relato do manejo com um filho.

Para que se alcançasse resultados, estudou-se a teoria piagetiana, fluindo para outros teóricos. Para Piaget (1973), o desenvolvimento da criança deve ter constância, bem como as experiências a ela oferecidas. Por termos vivido, até aqui, 18 (dezoito) meses de isolamento social, a infância pode não ter sido tão estimulante quanto poderia ou deveria. Por este motivo, buscou-se suporte em evidências científicas que auxiliassem no trato das particularidades do desenvolvimento infantil. Atentando-se às atividades diárias de acordo com o estudo das fases do desenvolvimento, pode-se chegar a fatores que propiciam a equilíbrio do sujeito.

No tocando dos estágios do desenvolvimento, é amplamente difundido que cada etapa da infância corresponde à “preparação” para um degrau acima; distribui-se, portanto, a aprendizagem humana em períodos médios, a ser (a) sensório motor, (b) pré-operatório, (c) operatório concreto, (d) formal. A criança em questão, vivenciando a primeira etapa do desenvolvimento, fez perceber que determinados marcos não eram atingidos, ou eram atingidos tardiamente. Sem rotulá-la, pensou-se em experimentos que levassem ao estudo mais aprofundado dos sentidos e motricidade, sendo estes detalhados a seguir.

Por concernir uma fase que pode delimitar toda a infância, o estágio da inteligência sensório motora merece atenção especial. Ao nascer, foi decidido que a criança da narrativa tivesse pouco contato com telas, não utilizasse bicos artificiais e

recebesse livremente o leite materno. Ainda que em uma pandemia, fez-se o possível para que a criança convivesse com sua família próxima seguindo todos os protocolos de segurança, bem como experimentasse atividades de leitura, lazer ao ar livre, contato com animais, alimentação variada, entre outras rotinas. Entendendo-se que esta etapa é a base da formação do ser humano, foram oferecidas situações que pusessem a prova as noções de espaço, tempo e consequências (PIAGET, 1976). O brincar, por vezes orientado, por vezes livre, criou um ambiente amistoso, democrático e motivador para “uma criança que cresce no respeito por si mesma” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2011).

Estando na última etapa do estágio sensório motor, percebeu-se na criança a chegada a uma inteligência mais representativa: observou-se a manifestação dos simbolismos, reconstituição de cenas, representação mental e concretização de imagens, etc. Ao expressar dificuldade de transitar entre o objetivo e o subjetivo, procurou-se atenção especializada para chegar a uma estrutura mental equilibrada. Com um ritual para as tarefas de casa (classificar e organizar brinquedos, colaborar na limpeza, fazer jardinagem, cozinhar, etc) e uma rotina de aprendizagens mais formais (brincar de faz-de-conta, ler, pintar, manusear texturas, etc) chegou-se ao desfecho de que se deveria buscar, além de pesquisa em educação, principalmente em atendimento educacional especializado, profissionais de saúde, neste caso de pediatria, terapia ocupacional e fonoaudiologia. Descartando-se condições particulares de saúde, costurou-se um roteiro de perguntas às profissionais procuradas, acatando suas sugestões a fim de tomar uma postura que levasse à autonomia da criança.

Por mobilizar-se em relação à questão comportamental, leu-se em Piaget (1983)

O desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta, é compatível ao crescimento orgânico: como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio. Da mesma maneira que um corpo está em evolução até atingir um nível relativamente estável – caracterizado pela conclusão do crescimento e pela maturidade dos órgãos -, direção de uma forma de equilíbrio final, representada pelo espírito adulto. O desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior (PIAGET, 1983, p. 11)

O manejo com a questão motora priorizou, portanto, o chamado “equilíbrio progressivo”: pontuou-se padrões de desenvolvimento, expôs se a criança ao que já tinha capacidade de fazer e, gradativamente, aumentou-se a dificuldade. De maneira compatível com sua maturidade cognitiva, bagagem e ambiente, foi possível abrir possibilidades para o pleno desenvolvimento.

O exercício da experiência mobiliza a criança; estas, sendo físicas e lógicas, consolidam aprendizagens, dado que proporcionam edificação de novos saberes a partir dos órgãos dos sentidos. Da mesma forma, a complexidade das situações ambientais e relações sociais aperfeiçoam a elaboração do pensamento, tornando a criança protagonista do seu ser-fazer. Ainda que dando importância à hereditariedade, na maternidade destacou-se a importância de facultar condições que, para além da adaptação da criança, levem-na a equilibrar-se de acordo com a assimilação e acomodação de saberes. A superação do senso comum de que “cada criança tem seu tempo” foi imprescindível para que tal material existisse, pois sem a busca por fundamento científico não se chegaria à premissa de que as crianças tem um tempo para tudo, mas há limites de tempo.

## **CONCLUSÃO**

Com um tema a ser investigado e um método a ser seguido, elaborou-se uma pesquisa que pudesse levar à resolução de um problema; para além de episódios comportamentais e de relacionamentos afetivos, buscou-se conceber como uma dificuldade motora acentuada interferiria no cotidiano da criança. Tarefas habituais, que antes geravam episódios de confusão, choro e insegurança foram convertendo-se em momentos de exaltação à independência da criança. Atribuições, comandos e brincadeiras passaram a trazer satisfação ao invés de angústia e hesitação. Nas palavras, mais uma vez, de Piaget (1970)

[...] Afirmar a necessidade de recuar à gênese não significa de modo algum conceder um privilégio a tal ou qual fase considerada primeira, absolutamente falando: é, pelo contrário, lembrar a existência de uma construção indefinida e, sobretudo, insistir no fato de que, para compreender suas razões e seu mecanismo, é preciso conhecer todas as suas fases, ou, pelo menos, o máximo possível (PIAGET, 1970, p. 130)

Trabalhou-se com a concepção de que o sujeito – neste caso, a criança – constrói suas aprendizagens através de experiências principalmente concretas; ações e interações, por conseguinte, facilitam a evolução da motricidade.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BORTONI-RICARDO, S. M. 2008. O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER, G. Amar e Brincar - fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena Editora, 2011.

MYNAYO, M. C. de S. (org.). Pesquisa Social, teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1995.

PIAGET, J. A Construção do real na criança. Rio de Janeiro, Zahar, 1970.

\_\_\_\_\_. Biologia e Conhecimento. Petrópolis, Vozes, 1973.

\_\_\_\_\_. A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

\_\_\_\_\_. A epistemologia genética. São Paulo: Abril Cultural, 1983.